

O DIA SEGUINTE COM A WILKINSON

A mensagem de texto era clara.

“Esteja em frente ao hotel às 12h.

Passarei com minha filha e minhas netas.

Vamos levá-lo para almoçar.

Depois passaremos a tarde juntos, e esperamos não entediá-lo.”

Sorri.

Depois do que eu tinha vivido no dia anterior, o tédio era a última coisa que eu temia.

Foram pontuais.

Absolutamente pontuais.

Mas desta vez havia algo diferente.

Não havia motorista.

O motorista tinha ganhado o dia de folga.

Maggy estava ao volante.

Confesso que fiz uma breve oração a Deus.

Não por razões espirituais.

Por razões automobilísticas.

Eu esperava que tudo corresse bem.

Sem surpresas.

Pelo menos não esse tipo de surpresa.

Ela, porém, parecia perfeitamente à vontade.

Segurava o volante com a mesma segurança com que conduzia uma conversa.

Ou tomava uma decisão.

Ou presidia uma reunião.

Uma coisa me veio à cabeça.

Nem todo mundo envelhece do mesmo jeito.

Algumas pessoas param de dirigir.

Outras param de viajar.

Outras param de tomar decisões.

Maggy, não.

Ela simplesmente tinha continuado.

Como se o próprio tempo tivesse decidido se afastar, por respeito.

Seguimos atravessando Londres.

Tinham reservado para mim o banco da frente.

O lugar normalmente destinado ao convidado.

Maggy dirigia.

A filha e as netas iam atrás.

Parecia uma família comum.

Mas não era.

Depois de alguns minutos, me perguntaram o que eu gostaria de comer.

Se eu tinha alguma preferência.

Respondi sem hesitar.

“Cozinha inglesa, sem dúvida.”

Todas caíram na gargalhada.

Não daquelas educadas.

Das verdadeiras.

Espontâneas.

Maggy se virou para a filha.

Tinha a expressão de quem acabava de comprovar uma teoria.

“Entende agora por que eu lhe disse aquelas coisas?”

A filha sorriu sem acrescentar uma palavra.

Como se a minha resposta tivesse confirmado algo que elas já tinham discutido muito antes.

Não pedi explicação.

Às vezes as perguntas chegam cedo demais.

As respostas, ao contrário, precisam do seu próprio tempo.

Limitei-me a observar aquela estranha família inglesa.

E tive a sensação de que, em algum lugar, muito antes de nos conhecermos, Maggy já tinha decidido quem eu era.

Eu estava apenas correndo atrás.

Chegamos a um restaurante.

Não um daqueles lugares do grande luxo da aristocracia inglesa.

Nenhum porteiro de uniforme.

Nenhuma exibição de status.

Nenhuma sofisticação artificial.

Naquele momento tive certeza de que íamos comer bem.

A cozinha é como a arte das coisas.

As coisas mais simples são quase sempre as melhores.

E Maggy era exatamente assim.

Podia morar num castelo e chamá-lo de mansão.

Podia falar como uma rainha e dirigir como um taxista londrino.

Podia levar você às ruínas da própria história sem perder a dignidade de uma lady inglesa.

Mas, na hora de comer, ela escolhia a substância.

Não a representação.

Talvez fosse por isso que eu continuava a escutá-la.

Por trás do aço das suas espadas, eu não tinha encontrado uma instituição.

Tinha encontrado uma mulher.

Ferdinando